



II CINTEDI
II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA
II Jornada Chilena Brasileira de Educação Inclusiva

16 a 18
NOVEMBRO
2016

LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPINA GRANDE-PB

CRIANÇA COM A SÍNDROME DE DOWN E SUA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Maria Zilda Medeiros da Silva (1); Renata Oliveira Pessoa da Silva (1); Ana Jerônimo de Lima (2); Maria Leni Pessoa de Sousa (3); Rosilene Felix Mamedes (4)

FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU, contatosconsultoriapb@gmail.com

Resumo:

Este trabalho trata-se do tema da criança com a Síndrome de Down no âmbito escolar. Ao qual procurou-se conhecer e entender os procedimentos da inclusão dessas crianças com de síndrome de down na vivência escolar como também na família, a família é de suma importância para se trabalhar o desenvolvimento social e humanizado desta criança, diante desses conhecimentos adquiridos sobre a vivência escolar e familiar desta criança, iremos reformular os conceitos de integrações família-escola, professor-aluno e escola-sociedade. Tivemos como sustentação para o melhor resultado de entendimento nesse processo os conceitos teóricos de alguns filósofos, sociólogo, psicólogo entre outros meios que subsidiou este estudo e assim em forma de análise e reflexão que podemos entender e conhecer com maior eficácia o tema exposto acima. Assim temos como objetivo deste trabalho o intuito de analisar as necessidades e as dificuldades enfrentadas por todo corpo docente (professores, supervisores, orientadores ,diretores) que estão agregados nas instituições educacionais nos dias atuais. No entanto vamos destacar os obstáculos, as barreiras e os preconceitos que possivelmente venha ocorrer ainda nos dias de hoje. Focaremos a importância da pedagogia propícia para cada caso essa fonte vai ser como mediadora na relação escola, família e sociedade e através da mesma se espera proporcionar meta e estratégias que possa facilitar a melhor forma para desenvolver a aprendizagem e o desenvolvimento entre essas crianças com da síndrome de down junto com os demais alunos no contexto da inclusão escolar e no social.

Palavras- chaves: Síndrome de Down, inclusão , família, aluno.



CRIANÇA COM A SINDROME DE DOWN E SUA APRENDIZAGEM ESCOLAR

Maria Zilda Medeiros da Silva (1); Renata Oliveira Pessoa da Silva (1); Ana Jerônimo de lima (2); Maria Leni Pessoa de Sousa (3); Rosilene Felix Mamedes (4)

FACULDADE MAURÍCIO DE NASSAU, contatosconsultoriapb@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o intuito de abordar situações no contexto escolar sobre a inclusão e a aprendizagem das crianças com Síndrome de Down nas escolas públicas regular de ensino como também em outras instituições. Sabemos que ao longo dos anos as pessoas com algumas deficiências vêm adquirindo o direito à escolaridade como também o direito de serem incluso no mercado de trabalho, está determinado na Constituição Federal de 1988 no seu Art. 206 § II lhes assegurando a igualdade de condições em qualquer área que os estejam incluso e que tenha o acesso e a permanência na escola.

Diante desse direito adquirido as pessoas com deficiência este estudo vai descrever alguns conceitos, leis e decretos sobre a pessoa com síndrome de down, sabem-se, no entanto que esse assunto tem sido até certo ponto considerado polêmico, portanto o ensino escolar brasileiro tem tido diante de si os desafios de encontrar soluções que respondam as questões do acesso e da permanência desses cidadãos com deficiência em suas instituições educacionais e de favorecer escolas de qualidade, qualidade essa, respeitando as diversidades de cada um sem discriminá-lo e também sem que haja rotulação.

O objetivo deste estudo será de explorar e analisar alguns pontos polêmicos que cercam essa situação de mudança diante das inovações e das postas lançadas pelas políticas educacionais e pelas práticas escolares que envolvem o ensino regular e o especial da inclusão dessa criança com deficiência seja ela da síndrome de down ou qualquer outra deficiência. O foco desta pesquisa está na inclusão escolar da criança com síndrome de down, iremos demonstrar e constatar que apesar das suas limitações será capaz de ingressar nas instituições educacionais, no mercado de trabalho e de levar uma vida digna como qualquer cidadão considerado normal como bem nos mostra hoje em propagandas televisionada onde se diz que a síndrome de down não é doença.

O Que é a Síndrome de Down?

Para que possamos compreender conceitos de algum fato será preciso investigar sua história ou mesmo fazer um estudo sobre o passado e a origem da mesma e assim entender como tudo começou. Segundo D'Antino, (1998) o mesmo diz que: "Neste sentido pode-se dizer que o saber, o sentir e o fazer institucional têm a função de atualizar a história a menor tempo em que é por ela alimentado".

Em vista ao subtítulo acima mencionado sobre a síndrome de down iremos ver um pouco de sua história e assim entender as diversidades da mesma que ainda hoje é vista como um grande desafio a ser superado. Os estudos sobre a Síndrome de Down surgiu por volta do século XIX antes disso por vários anos, ou seja, em séculos passado a criança com síndrome Down era visto pela sociedade como retardado e incapaz até mesmos considerados como monstros.

Em 1866 o cientista John Langdon Down escreveu um artigo e que no seu artigo considerou as pessoas portadoras da síndrome de down como mongolóides e idiotas considerados como pessoas inferiores as outras consideradas normais.

No entanto 1958 o francês Jerome Lejeune descobriu que as pessoas descritas pelo Dr. John Langdon Down se tratava de portadores de anomalia genética. E por ser considerada uma anomalia genética desde a sociedade mais antiga até a Idade Média a criança nascida com essa anomalia se tinha como resultado malévolo da união da mulher com o demônio. Um ano depois em 1959, Jerome Lejeune que antes dizia que essa anomalia era um fator genético passou a considerá-la como um cromossomo extra, ou seja, um erro genético vista, no entanto como diferenças genéticas em relação às outras pessoas. Com isso o mesmo a nomeou de síndrome de down em homenagem a John Langdon Down e também foi reconhecido pelo mesmo como sendo anomalia de manifestação clínica.

Reafirmando-se a versão de John Langdon Down, em sua época ele acreditava na existência de raças superiores e inferiores, no entanto o mesmo dizia que a pessoa com deficiência fazia parte das raças inferiores e com isso eram marginalizados e entreguem a sorte. Já no período da Renascença nos anos 60 essas anomalias eram retratadas pelas artes a exemplo de deformidades físicas é tanto que foi uma época em que as pessoas que apresentava essa anomalia estavam sujeitas a morte.



Enquanto Bissoto (2005) o mesmo ressalta que relevantes investigações foram realizadas na Inglaterra e nos Estados Unidos acerca do desenvolvimento cognitivo da pessoa com a Síndrome de Down, dados estes que muitas concepções foram fixadas e que demarcou as possibilidades e a capacidade dos possíveis desenvolvimentos desse portador de deficiência.

Segundo Gama:

Acredito que não se deve mais deixar os jovens com Síndrome de Down aquém dos assuntos que dizem respeito. Cabe nós ouvi-los e ajudá-los diante das dificuldades, dos sonhos e dos questionamentos, principalmente se tratando de assunto que auxiliam em sua formação. Se não forem resolvidas estas questões, nós, enquanto profissionais, devemos silenciar diante desta realidade, porque não teremos subsídios para colocarmos a favor ou contra as potencialidades ou limitações desses jovens (2001, p. 7).

A partir daí também sentido pelas famílias a conscientização a respeito do processo de inclusão que se instaurou na sociedade mesmo sendo considerada de maneira tímida e lenta foi decisiva e permanente para valorizar e reconhecer a pessoa com da síndrome de down, pessoa essa que antes eram rejeitadas e marginalizada passou a ser vista como ser humano que possuem sentimentos e que são capazes de aprender e desenvolver o seu relacionamento com as outras pessoas.

Segundo Prado, diz:

Se a família interpreta a deficiência como uma ameaça, produzirá ansiedade e angústia; se a interpretação for de perda, produzirá depressão; mas se a deficiência for interpretada como um desafio, os sentimentos de ansiedade e esperança serão propulsores para a busca de resoluções de problemas, motivação e crescimento, não só do portador de deficiência, mas de toda a família (2004, p. 92).

Esse processo da criança com da síndrome de down só veio a ser visto e estudado com maior precisão a partir do século XX isso após o reconhecimento dos direitos da criança e do adolescente em seu estatuto criado em 1990 o mesmo determinou que toda criança independente de sexo, raça, cor, religião ou capacidade física ou mental teria direito aos cuidados médicos e a educação.

É tanto que se unindo os interesses científicos aliados aos interesses educacionais lhes favoreceu direitos significantes, também determinou que se aprofundassem meios oportunizando a um atendimento interdisciplinar especializado e que lançasse programas educacionais mais pautados no reconhecimento das inúmeras potencialidades que podem ser estimulada para o aprendizado.

Porém precisa-se muito ainda a ser reconhecido e compreendido esse processo de direitos que favorece essas crianças com síndrome de down principalmente com os avanços



sociais a meio a uma sociedade que se diz apoiar a inclusão em todos os seus aspectos, portanto entender a síndrome de down será de fundamental importância para se trabalhar com essa criança.

Segundo Silva diz que:

A Síndrome de Down não é uma doença, mas sim um acidente genético que ocorre na formação do bebê, no início da gravidez. Essas alterações decorrem de defeitos de um dos gametas, que formaram o indivíduo o gameta deveria conter um cromossomo apenas, porém durante o processo de reprodução podem ser formados gametas com cromossomo duplo que ao se unirem a outro cromossomo pela fecundação, resultam em uma alteração cromossômica (2002, p. 5).

Reafirmando-se o que já relatamos anteriormente, tendo em vista todo esse procedimento histórico da Síndrome de Down percebemos que não difere das histórias de outras deficiências que se tinha em séculos passado onde esse portador era tratado como pessoas anormais e inúteis, os abandonavam a eliminado-as totalmente do convívio social.

Portanto fazendo uma retrospectiva ao longo da história percebemos que é possível perceber que a história da Síndrome de Down para atualidade de hoje já vem sendo questionada e reconhecida com mais clareza tendo maior aceitação como também está sendo vista com mais respeito pela sociedade, pelas instituições públicas e particulares que tanto discriminou.

É importante ressaltar, isso após vários anos de estudos e lutas sociais por esses direitos a essa criança com síndrome de down foi quando os mesmos passaram a ser visto de fato como seres humanos embora ainda se perceba que vem ocorrendo de forma lenta mais o importante é que já esteja havendo a inclusão deste portador da síndrome de down não só na parte da sociabilidade, mas também os possibilitando para ingressar nas instituições educacionais e no mercado de trabalho o tornando possível levar uma vida “normal” considerando a variabilidade do seu potencial.

ASPÉCTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo iremos abordar a metodologia que se foi usada para chegarmos a todo procedimento deste estudo monográfico onde se buscou das informações recolhidas em estudos temáticos analisados e reflexivos alicerçando no estudo de caso a caso de alguns teóricos em pesquisa-ação também nas teorias construtivistas e integracionistas no processo da criança com Síndrome de Down na educação escolar, procurando buscar forma de



transformação e de ações pedagógicas para que possamos proporcionar uma educação inovadora que possa se adequar as necessidades dessas crianças portadora da síndrome.

Para se chegar à realização deste trabalho se deu por meio de pesquisa exploratória e descritiva com abordo qualitativa, seguida principalmente por uma pesquisa bibliográfica tida como base materiais consultados para fundamentar com maior precisão a sustentação para o desenvolvimento e entendimento deste estudo. Materiais estes, que se utiliza diversas fontes, tais como: livros, artigos, monografias, revistas, sites, entre outros meios pertinentes ao assunto em estudo.

A nossa pesquisa se classificar como exploratória e descritiva numa abordagem qualitativa, com a finalidade de tentar identificar e registrar a importância da criança com síndrome de down, por estarem inclusas nas instituições escolares como também em sociedade, se procurou portanto, poder realmente constatar a possibilidade dessa criança com a síndrome de down desenvolver sua aprendizagem e de si integrar com as outras crianças no meio educacional e juntas conviverem dignamente também em sociedade.

Ao se tratar dessas fontes de pesquisas Andrade afirma que:

São finalidades de uma pesquisa exploratória, sobretudo quando bibliográfica, proporcionar maiores informações sobre determinado assunto; facilitar a delimitação do tema de trabalho; definir os objetivos ou formular as hipóteses de uma pesquisa ou descobrir novo tipo de enfoque para o trabalho que se tem em mente (1998, p. 104).

Enquanto pesquisa bibliográfica, Gil (1999) explica que a mesma é desenvolvida mediante de material já elaborado, principalmente em livros e artigos científicos apesar de que praticamente todos os outros tipos de estudos exigem trabalho dessa natureza. Portanto fazendo-se apegar as pesquisas exclusivamente desenvolvidas por meio das fontes bibliográficas é que temos entendimento mais preciso sobre quaisquer assuntos a ser estudado. Já na versão de Cervo e Bervian definem a pesquisa bibliográfica como sendo:

A que explica um problema a partir de referências teóricas publicadas em documentos. Pode ser realizada independentemente ou como parte da pesquisa descritiva ou experimental. Ambos os casos buscam conhecer e analisar as contribuições culturais ou científicas do passado existente sobre um determinado assunto, tema, ou problema (1983, p.55).

Porém, deve se reconhece que esse tipo de pesquisa serve para constitui parte da pesquisa descritiva ou experimental quando tem o objetivo de recolher informações e conhecimentos prévios acerca de um problema para o qual se procura resposta, ou acerca de determinada hipótese que se quer experimentar.

Com todo esse procedimento leva-nos a entender que ao se tratar da pesquisa de natureza teórica a pesquisa bibliográfica é parte obrigatória da mesma forma em se tratar de



outros tipos de pesquisa haja vista que é por meio delas que tomamos conhecimentos sobre a produção científica existente. No entanto com base nessas biografias pode-se ter conhecimento sobre a temática pesquisada e de como elaborar um trabalho de pesquisa científica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A questão da educação realmente se considera complexa e em se tratar de lidar com a criança com síndrome de down, será grande desafio para o professor, principalmente para os professores que não tiveram nenhuma especialização para trabalharem com essa criança com down junto às demais consideradas normais.

Segundo as pesquisa constata que 59% dos professores já são conscientes da possibilidade de terem inserido em sua classe alunos com algum tipo de necessidade especial, desses professores 32% sente a inclusão como um desafio. Enquanto cerca de 8% dos profissionais demonstram alguma forma de resistência em atender uma turma multiforme mesmo sendo consciente da legislação que a determina a obrigação tenta de alguma forma esquivar-se desse novo desafio.

Em reafirmação sobre esses desafios de aceitação desse portador da síndrome ser incluso em sala de aula e também para que se tenha uma sistematização e visualização mais esclarecedora vejamos no quadro abaixo o que sentem o professor em relação às vantagens e desvantagem dessa inclusão.

Quadro 1

Vantagens	Desvantagens
Processo de se socializar entre ambos	Falta de treinamento específico para cada caso
Oportunidade de inclusão no trabalho	Falta-lhe treinamento específico
O mesmo se sente “normal” apesar das dificuldades e dos preconceitos	Falta de preparo das escolas
Desenvolvimento da criança	A dificuldade nas atividades; e a falta de preparo dos professores
Socializando para obter desenvolvimento de outras competências	Despreparo profissional



No entanto a meio a todo esse desafio procuramos neste quadro relatar o que sente o professor por não ter tido formação profissional para receber esse aluno com a síndrome de down em sala de aula, muito se sente até angustiado quando se depara com esse fato.

Segundo Saad, cita que:

O professor na maioria das vezes não se encontra devidamente informado e capacitado para lidar com as diferenças e, quando não entram em pânico, simplesmente toleram o aluno como um figurante em sua classe (2003, p. 253).

Em vista a todo esse processo Mantoan, (2006) diz que é mais fácil para o professor encaminharem alunos com algumas dificuldades seja de aprendizagem ou de cuidados especiais para uma escola especial do que ter que lidar com as limitações profissionais no seu dia-a-dia e assim agindo só irá continuar ocorrendo à discriminação desse aluno, portanto em vez de levar a inclusão passa então para a exclusão.

Já Demo, (1997, apud CARVALHO, 2007) diz que os problemas visto como obstáculo e desafiadores que provavelmente venha aparecer em sala de aula poderão ser enfrentados com a determinação e a criatividade do professor quando esse professor se enxerga como profissional no processo de aprendizagem e de educador usando a sensibilidade e com essa sensibilidade certamente superará todos os desafios.

Como cita Xavier,

A construção da competência do professor para responder com qualidade às necessidades educacionais especiais de seus alunos em uma escola inclusiva, pela mediação da ética, responde à necessidade social e histórica de superação das práticas pedagógicas que discriminam, segrega e excluem, e, ao mesmo tempo, configura, na ação educativa, o vetor de transformação social para a equidade, a solidariedade, a cidadania (2002, p. 19).

Em vista a todo esse procedimento os professores provavelmente serão capazes de fazerem análises e domínio do conhecimento atual dos alunos e constatar as diferentes necessidades das demandas nos seus processos de aprendizagens bem como elaborar atividades ou adaptar materiais adequando-se a realidade de cada um como também de prever as formas de avaliar cada aluno.

Mantoan, (2006) o mesmo diz em uma de suas citações que muitos professores esperam aprender técnicas e diretrizes pedagógicas de como ensinar crianças especiais. Portanto não percebe que ensinar dentro dessa perspectiva só irá implicá-lo em sua reestruturação de dar novo significado ao seu papel de professor porque o mesmo é visto como uma referência para o alunado.

Em vista a esse processo Freire cita:

Quem forma se forma e reforma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado. É neste sentido que ensinar não é transferir conhecimentos, conteúdos



nem formar é ação pela qual um sujeito criador dá forma, este ou alma a um corpo indeciso e acomodado. Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os contam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro. Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender (1983, p. 87).

Podemos, no entanto afirmar que a formação do professor deverá ser constante e que esses aperfeiçoamentos são sem sobra de dúvida essencial e indispensável não só para a boa formação dos alunos como também para aumentar a autonomia, autoconfiança e o prazer que o professor terá para desenvolver seu trabalho. Portanto se diz que será de suma importância investir na formação acadêmica dos professores de educação seja no infantil ou quaisquer outros níveis já que este professor precisa se sentir seguro para intervir na aprendizagem dos discentes de forma semelhante a um motor, motor esse os impulsionando rumo a novas conquistas.

Vale ressaltar que algumas escolas públicas e particulares hoje já vêm adotando algumas ações nesse sentido um tanto lenta possamos dizer assim, mas estão propondo mudança na sua organização pedagógica, no modo de reconhecer e valorizar as diferenças sem discriminar o aluno no geral seja ele portador ou não de deficiência, em vista a esses procedimentos se percebe que já é um bom começo.

Segundo Schwartzman diz que:

Um dos assuntos mais discutidos atualmente é a ideia de que o professor deve criar nas salas de aula um bom convívio entre os alunos. Isto é considerado como algo encorajador. Mas parece que nem todos os professores se sentem preparados para essa prática (1999, p. 232).

Certamente podemos ver que apesar das resistências, crise, da adesão das redes de ensino, de professores, de pais e de outras instituições dedicadas à inclusão desses portadores da síndrome de down nesses recintos educacionais o que já se pode denotar são efeitos positivos desse professor se integrar a essas novas experiências e ao mesmo tempo motivo de questionamento em seu cotidiano, questionamento esse de poder sonhar por dias melhores para com a educação, na vida profissional, na vida em sociedade e tantas outras coisas que o ser humano sonha em alcançar.

Com isso são sábias as palavras de Freire quando em citação o mesmo diz:

Eu agora diria a nós, como educadores e educadoras: ai daqueles e daquelas, entre nós, que pararem com a sua capacidade de sonhar, de inventar a sua coragem de denunciar e de anunciar. Ai daqueles e daquelas que, em lugar de visitar de vez enquanto o amanhã, o futuro, pelo profundo engajamento com o hoje, com o aqui e com o agora, ai daqueles que em lugar desta viagem constante ao amanhã, se atrelem a um passado de exploração e de rotina (FREIRE, 1982, p. 101).



Diante dessas realidades possamos constatar e afirmar o quanto o professor é importante de está contribuindo para a aprendizagem e o desenvolvimento dessa criança com deficiência visando à possível capacidade de cada um.

CONCLUSÕES

Diante deste estudo mesmo se tendo conhecimento como sendo complexo e desafiador para todos que estão agregados em busca de uma educação como sendo um direito a todos o intuito nosso após analisarmos as teorias dos teóricos renomados que tiveram seus nomes mencionados no desencadeamento deste estudo monográfico principalmente por meio da pesquisa bibliográfica foi que nos trouxe o melhor entendimento e a compreender o que é a síndrome de down, também tivemos propostas e estratégia para que pudéssemos chegar à possível superação dessas indiferenças que rodeia em torno desse portador de deficiência seja ele da síndrome de down ou de qualquer outra deficiência.

Em vista a todo esse processo a pessoa a síndrome de down são capazes de realizarem trabalhos significativos mesmo com suas limitações, no entanto entorno de todo esse procedimento se procurou também reproduzir caminhos e meios metodológicos para que os professores, gestores educacionais e os demais que fazem parte desse meio educacional possam trabalhar as diversidades entre ambos.

Vale salientar que apesar de toda essa complexidade não podemos generalizar totalmente as possíveis mudanças que está sendo questionada e que já vem sendo conquistada nesse século XXI em favor da inclusão educacional não só da criança com síndrome de down, mas a todos que necessitam de cuidados especiais, mesmo que se perceba de forma lenta já está sendo possível constatar alguns direitos atribuídos aos mesmos, porém ainda precisa de alguns ajustes para que possamos realmente concretizar essa transformação educacional e com isso superar os possíveis conflitos que possa surgir ou que ainda prevalecem.

Enfim, está aqui lançada proposta educacional aberta a sugestões e crítica, a nossa expectativa foi de alguma forma tornar as pessoas mais receptivas, conhecedora da síndrome de down não como doença. Acreditamos, portanto que este trabalho irá contribuir como fonte de esclarecimento e de pesquisa a todos que estejam interessados pelo assunto e que possa servir para dá continuidade em outros trabalhos.

REFERÊNCIAS



II CINTEDI

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE
EDUCAÇÃO INCLUSIVA

Il Congresso Internazionale Brasiliana de Educação Inclusiva

**16 a 18
NOVEMBRO
2016**

LOCAL DO EVENTO
CENTRO DE CONVENÇÕES
RAYMUNDO ASFORA
GARDEN HOTEL
CAMPUS I - BR

ANDRADE, Maria Margarida de. **Introdução à metodologia do trabalho científico**. 5, ed. São Paulo: Atlas, 1998.

Brasil, **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 2004.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**.1988.

BRASIL. **Declaração de Salamanca** e Linha de Ação sobre necessidades Educativas Especiais. Brasília: CORDE, 1996.

BRASIL. MEC. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, **LDB 5692/1971.**]

CAPELLINI, Vera Lúcia. **A inclusão de alunos com necessidades educacionais em classes comuns**. UFSC, São Carlos, 2001.

CERVO, A. L.; BERVIAN, P. A. **Metodologia Científica**: para uso de estudantes

FREIRE, Paulo. **Educação: o sonho possível**. In: BRANDÃO, Carlos (Org.). O Educador: vida e morte. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

KALOUSTIAN, S. M. (org.) **Família Brasileira, a base de tudo**. 3ª ed. São Paulo, 1998.

MANTOAN, Maria Tereza Egler. **Inclusão escolar o que é? Por quê? Como fazer?** 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

Memnom: Mackenzie, 2003. **Nacional de Educação em Direitos Humanos**. Brasília/MEC: 2000.

PUESCHEL, S. **Síndrome de Down**: guia para pais educadores. Gre: Artes Médicas, 1993.

SAAD, Suad Nader. **Preparando o caminho da inclusão**. 1ª ed. São Paulo: Vitor, 2003.

SCHWARTZMAN, José Salomão [et Al.]. **Síndrome de Down**. São Paulo: Ed. Mackenzie, 1999.

XAVIER, Alexandre Guedes Pereira. Ética, técnica e política: **A competência docente na proposta inclusiva**. Brasília, 2002.